



Sacilotto e Fiaminghi fazem suas mostras retrospectivas no Museu de Arte Moderna.

Fiaminghi e Sacilotto, dois amigos e uma arte

Os longos bate-papos sempre acompanhados de uma cerveja geladinha foram proveitosos para os amigos Fiaminghi e Sacilotto. Um deles, Fiaminghi, recebeu convite para uma exposição retrospectiva de sua arte concreta no Museu de Arte Moderna. Entretanto, como o espaço do museu é grande, Fiaminghi ficou com as salas do lado direito. E aproveitou para convidar, entre uma cerveja e outra, o amigo Sacilotto, cujas obras têm identidade com as suas, para ocupar o lado esquerdo. Finalmente, se foram inaugurar na semana passada suas retrospectivas, que vão até 12 de outubro.

Fiaminghi mostra 127 obras e Sacilotto reuniu 136 trabalhos, entre desenhos, esculturas e óleos. O primeiro, que ficou sem expor durante 30 anos, incluiu suas primeiras experiências artísticas na linha acadêmica: "Naquele tempo eu perseguia a pintura de forma diferente. Não queria mostrar o que estava fazendo porque não me sentia pronto. E tinha um objetivo definido, pelo menos, que era o de só apresentar alguma coisa quando estivesse certo do caminho a seguir. Hoje não é assim, um sujeito pinta uma obra e já quer expor. Eu não tinha essa fome de levar a melancolia logo".

Fiaminghi, hoje com 60 anos, é ex-publicitário e pesquisou muito antes de chegar ao concretismo. Em 1955, quando levou os três primeiros trabalhos nessa linha à 2.ª Bienal:

— "Na verdade, eu não sabia que estava fazendo uma arte concreta e só vim a obter todas as informações sobre ela, até sua função política, logo depois".

Foi nessa Bienal que ele conheceu Sacilotto, que o convidou a participar de encontros com outros artistas. A partir daí Fiaminghi definiu seu trabalho: "Se a gente persegue um objetivo,

pode demorar mas acaba encontrando. No meu caso, o "Eldorado" passou a ser o uso da retícula cor-luz, a linguagem concreta que explorei a partir de então". (A retícula cor-luz foi criada por ele na década de 60).

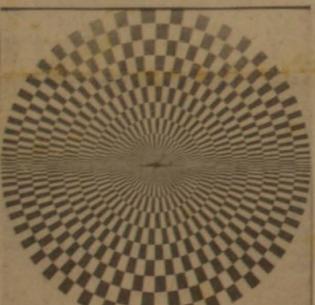
No caso de Sacilotto, o "Eldorado" foi um pouco diferente. Ele o define como o corte e a dobra dos metais. Para chegar a isso, passou também por uma fase acadêmica, cuja obra mais antiga e representativa data de 1942, época em que era aluno de Edmundo Migliaccio e José Barchitta, junto com Marcelo Grasmann e Otávio Araújo.

Uma data importante para Sacilotto é o ano de 1947, quando sua pintura e desenho passam a ter forte conotação expressionista e ele participa da "Exposição 19 Pintores", na Galeria Prestes Maia, em São Paulo. Nesse ano começou a realizar seus primeiros apontamentos abstratos, mas escondia os quadros dos amigos "porque eu tinha vergonha do que eles poderiam dizer".

Em 1952 vem a participação na Bienal de Veneza. Em seguida Sacilotto opta pelo concretismo. Mas só na década de 60 encontrou sua própria linguagem. Foi quando chegou ao corte e à dobra dos metais.

Nos últimos anos Sacilotto deixou outros empregos (é arquiteto), "só para não me desviar do caminho da arte concreta que me propus". E faz questão de dizer que continua um "suburbano" morador de Santo André.

— Moro em Santo André numa valorizada rua da cidade. Sempre que me é possível, uso o trem ou ônibus como transporte e faço questão de uma coisa na minha vida: não quero perder minhas raízes, senão perco também a identidade. E ela seria trocada por outra que não tem absolutamente nada a ver comigo.



Obras de Sacilotto e Fiaminghi, tendências artísticas semelhantes

É preciso saber quando aplaudir

ENIO SQUEFF

O fato aconteceu recentemente no Rio de Janeiro, mas poderia ter ocorrido em São Paulo: na apresentação da Filarmônica de Israel ouviram-se aplausos entre os movimentos da sinfonia número 5 de Tchaikowsky, e o maestro Zubin Mehta não gostou. Conta um cronista carioca que o diretor da sinfônica israelense lançou olhares furibundos contra a platéia.

Certamente exagerou: não são todos os brasileiros que sabem que uma sinfonia não termina no primeiro movimento ou no terceiro e que as palmas só se justificam (ou não) após a execução da obra toda. Há, contudo, um acordo tácito entre os ouvintes contumazes de concerto, os quais impõem aos outros um silêncio que em geral não termina em constrangimento. Vive-se no Brasil e aqui o público selecionado dos concertos nem sempre deixa de ser o que é o País. Se existem tantos analfabetos e tantos famintos, nada de estranho que os alfabetizados e os bem nutridos recebam influências não tão saudáveis. O subdesenvolvimento, por mais injusto que seja a sociedade, nivela também por baixo em muitos casos: se existe gente que não sabe a quantas anda num concerto é porque vive num país onde muita gente não sabe a quantas anda em outros setores — se é que anda. Mas há um pormenor, nesta história de bater palmas antes do tempo, que justifica algumas observações.

Por exemplo: de tanto se falar em música "erudita" para se referir à música de concerto, muitos imaginam que o público dos concertos tradicionais da cidade são indivíduos de alta renda. Nada menos verdadeiro: todos os concertos da Sinfônica Estadual até bem pouco eram de graça (hoje vão de 50 a 100 cruzeiros). E a grande maioria das apresentações da orquestra do Municipal tem preços fixados em não mais que 60 cruzeiros. Um ingresso de cinema está custando 180 cruzeiros como se sabe: logo, é possível concluir que hoje em dia, concertos e recitais são, quase sempre, os espetáculos menos dispendiosos que um paulistano pode assistir. Sendo assim, não é por casualidade que o público que vai normalmente a concertos seja o que os economistas e sociólogos classificariam entre a classe média — com todas as variações que são possíveis no Brasil. E é aqui que entra o pormenor curioso: quase todos os concertos em que a maioria do público é de alta renda — e pode-se calcular que isso acontece nos espetáculos em que os ingressos custam muito — há quase sempre os aplausos constrangedores.

Em outras palavras, não são os estratos de renda média (ou baixa) os que ignoram que uma sinfonia deve ser aplaudida no fim, nem são os brasileiros menos afortunados os que irritam maestros estrangeiros do porte de um Zubin Mehta. São exatamente os que vão a concertos e recitais quando estes custam mais do que os concertos sinfônicos normais, e que por uma razão



Zubin Mehta irritou-se com aplausos fora de hora.

ou outra, vêm-se na obrigação de trem aos espetáculos do gênero. O mesmo pode ser dito em relação aos políticos. Eles também são os primeiros a aplaudir nas horas inconvenientes (certamente na esperança de serem notados, imaginando).

Não são regras, obviamente. Mas constituem, a seu modo, o problema número um que os maestros estrangeiros enfrentam no Brasil quando estão em cima do pódio. E poderia concluir por aí que, no fundo, essa assim chamada música "erudita" é bem menos "erudita" do que parece, já que a elite quase não a conhece; ou poderia ir talvez mais longe para concluir que Beethoven parece ser mais familiar a certos setores da classe média do que da alta. Mas se chegasse a isso conseguiria apenas destacar que a chamada música "erudita" só é erudita na cabeça de quem inventou o termo. E não diria, afinal, o que me parece mais importante: que pior do que o "ignorante" que não sabe onde Mozart ou Mahler concedem ao aplauso é o "erudito" que faz questão de mostrar que o é. Este é o constrangimento nos melhores concertos da praça, populares ou não. É o que acontece quando a orquestra não conclui a frase final. A estes seria injusto se dissesse que merecem só o olhar carrancudo e desafiante dos maestros. A estes, sem querer o mal de ninguém, faço minhas as palavras de Cristo: melhor fora que não tivessem nascido. Pelo menos, da parte que me toca, conseguirei escutar música até o seu verdadeiro final com a satisfação de saber que tais indivíduos não existem, são invenções de críticos mal humorados.



O escritor Esdras do Nascimento; conversa de bar é um perigo.

Esdras dividido entre muitas capitais

Uma espécie de estudo de classe média em algumas capitais brasileiras. É isso o que fez até agora o romancista plautense Esdras do Nascimento, que, depois de falar do Rio de Janeiro em "Solidão em Família" e de Porto Alegre em "Paixão Bem Temperada", publica "O Ventre da Baleia" (Editora Nórdica), onde a personagem central é, nada mais nada menos, do que Brasília.

Ele já viveu em todas essas cidades e atualmente vive em Nova York, além de uma temporada londrina. E agora no Brasil, para o lançamento de "O Ventre da Baleia", Esdras do Nascimento fala da sua experiência de três anos na capital do País.

Lá, se uma mulher troca o piso da cozinha, todas as outras moradores da quadra têm que trocar. Os seus filhos podem brincar nas áreas das quadras, mas eles têm que tomar cuidado para não ferir outra criança pois pode ser filha do chefe do pai. Brasília é tão incrível que até pelo endereço você sabe a que escalão a pessoa pertence.

Mas é evidente que a cidade não fica aí. Há outros aspectos, como o "crítico e o crítico". O escritor utiliza tudo isso tentando evitar uma "crônica ou documentário". Outra coisa que notou em Brasília: a ausência de "mulheres desquitadas".

— "A mulher desquitada é aquela que descobriu que existe algo que a mata. E a mulher que descobre que pode fazer muitas outras coisas que não ouzava antes. E isso que falta a Brasília, uma cidade onde todo mundo tem espaço que é dado mas também não pode fugir desse espaço. Uma jovem psicóloga, quem morou lá entende por que o Jânio renunciou.

O livro só foi escrito depois de Esdras voltar de Brasília para Londres, em 1977. Ele só tem planos de voltar daqui a três anos, para morar em Petrópolis. Na sua opinião, esse afastamento traz resultados positivos para um escritor, principalmente no que se refere ao País.

Ficção como recurso do desvendamento

O.C. LOUZADA FILHO

As considerações a respeito do realismo que tentei desenvolver na resenha sobre "Os Pes de Matilda" de Modesto Carone, nesta "Folha", não ficaram claras — como eu mesmo previa. Valerá a pena discutir mais longamente a hipótese de engano de quem se detivesse no objetivo de supor um aspecto kafkiano como mero psicologismo intimista do autor, oposto ao realismo. E de fato vale a pena, considerando que o próprio título da matéria se refere a um "realismo equivocado".

Não era isso que queria dizer. Para mim, o realismo de Carone é profundamente acertado. Exatamente por se manifestar através de recursos aparentemente inverossímiles adotados pelo seu texto.

Nisso tudo — e nunca é demais lembrá-la — a questão do realismo volta a se colocar. E procuro mais uma vez deter sobre ela.

Tentando explicar melhor: existem textos de ficção que conseguem atingir o alvo maior da obra realista (ou seja, a revelação dos nexos e contradições da realidade) exatamente por se utilizarem de recursos que, como num jogo de cintura, lançam mão de características da ficção imediata do real para mascarar o que disfarça e assim permitir o acesso ao que existe de mais profundo por baixo dela.

Há exemplos ilustres. Kafka seria um. Machado de Assis, para falar de nosso universo, outro. (A propósito, o trabalho desenvolvido por Roberto Schwarz em torno da obra de Machado revela bem como o deslocamento de elos, as "idéias fora do lugar", é que fazem de sua obra a realização mais bem acabada do enfoque artístico da "comédia ideológica" brasileira).

Então, o realismo maior não se confunde com imagem

Teatro/Crítica



"Fim de Jogo", no Studio São Pedro; irreverência precisa de substância.

Beckett vence no fim deste jogo

JEFFERSON DEL RIOS

Samuel Beckett está de volta em "Fim de Jogo". O que consequentemente quer dizer que está de volta uma das paixões de boa parte dos que fazem e/ou assistem teatro. Porque este irlandês frágil (e parecido) como um pássaro conseguiu plantar-se sobre a cena dramática ocidental com a solitária imponência de certos gênios. Lá está ele, atrás das grossas lentes de mope, olhando o mundo com dois olhos metálicos e sem esperança.

E curiosamente (ou nem tanto) esta obra derrotista, alheia a qualquer otimismo humano, social e ideológico, permanece intacta, indiferente às críticas. Vista de um ângulo radicalmente objetivo, a produção do chamado "teatro do absurdo" (Ionesco, Beckett e outros) revela-se em última análise, altamente conservadora ou, até mais, reacionária, uma vez que a nega ao Homem qualquer possibilidade de mudança rumo à paz, conforto ou felicidade. O mundo de Samuel Beckett é interminavelmente cinza, o que, aliás, é dito por um personagem de "Fim de Jogo".

A peça é a explicação exemplar da visão beckettiana da condição humana. Em lugar indefinido, entre a terra e o mar, sem data precisa, Hamm, espécie de carrasco cego e paralisado, reconforta-se da desgraça explorando suas vítimas: os pais, apocionados em grandes latas de lixo, Clov, o filho adotivo e servo revoltado. Quatro seres fantasmagóricos que se martirizam circunferencialmente no pesadelo frio em que o tempo e espaço parecem se derreter, como nas telas de Salvador Dalí ou nas ruínas noturnas dos pintores surrealistas belgas. Hamm — valguem os seus fantasmas — repete exigências, reclamações, ameaças e súplicas aos familiares. Indaga sempre sobre algo: o clima, o mar, a comida, o remédio, os pássaros etc. Clov vai respondendo: não há mais mar, comida, pássaro etc. etc. e o céu está cinza, implacavelmente cinza.

Temática, como se pode notar, desalentadora. Como outra peça de Beckett, "Esperando Godot", em que dois mendigos discutem monocórdicamente à beira de uma estrada deserta enquanto aguardam a chegada de um personagem misterioso que jamais virá. Mas, contra todas as evidências, contrariando especulações ideológicas — ou estabelecendo um paradoxo ideológico —, este teatro negro-cinza, um gigantesco beco sem saída que nega o Homem, é fascinante e perdura enquanto toneladas de folhetins dramáticos de cunho político imediatista, mesmo que bem intencionados, naufragaram e continuam a naufragar na mediocridade e no esquecimento. Beckett permanece.

Explica-se. Como todo dramaturgo realmente bom, é um poeta extraordinário: sabe tocar em angústias existenciais permanentes, misteriosas, cósmicas, do ser humano. Sentimentos, sensações e tempos que ideologias e regimes não resolveram. Beckett vale não por suas conclusões (implícitas) amargas demais, europeias demais (um europeísmo que presenciou duas guerras mundiais), egocêntricas e neuróticas demais, tristezas de um mundo velho e arruinado que não diz ainda por cima não revela o essencial: pobreza do 3.º Mundo. Beckett vale pela sonoridade do grito contido das suas personagens, pelas altíssimas especulações formuladas em termos

"Sanguinovo" com poesia nas ruas

Em junho do ano passado o grupo Sanguinovo movimentou o centro de São Paulo com a sua 1.ª Passeata Poética. Agora seus integrantes voltam à carga: estreiam hoje, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade (rua da Consolação, 94), o show "Poesia na Vela". E dia 19 eles saem na 2.ª Passeata Poética de São Paulo.

O objetivo desse grupo, formado por Antônio Carlos Lucena (o Touché), Reça Poletti, Sérgio Amaral, Alvaro Cardoso, Marise Pacheco, Mateus Domingues e Carlos Tacacoca, é o de abrir espaço para a poesia, atingindo diretamente o público e "conquistando corações".

— Nós procuramos sair às ruas para ter contato com o público e testar a eficiência de nossa arte, já que consideramos a poesia como um meio de comunicação potencialmente eficiente. Nós queremos que nossa poesia se aproxime da vida das pessoas, do cotidiano, dizem.

A passeata de sexta-feira sairá do largo São Francisco e seguirá pela rua São Bento até a praça do Patriarca. Do viaduto do Chá ela entrará na Barroca de Itapetininga passando, em seguida, pela Dom José de Barros e Sete de Abril até a praça Dom José Gaspar. Depois irá ao Teatro Municipal, para o encerramento, com apresentações de música e leitura do manifesto no qual o grupo coloca sua posição frente à poesia.

— A poesia hoje é um saco de gatos. Existe de tudo, até parnasiano con-

inesperados, pelo semitom místico (ou cético/herético?) das figuras incoerentemente possíveis que criou. Vale pela poesia de uma literatura concisa, espectral e ao mesmo tempo luminosa. Porque assusta e faz pensar até quando a realidade externa ao palco o desmente. Mesmo porque a maioria das pessoas tem esperança.

Samuel Beckett é tentação e desafio a atores e diretores de todo o mundo. Algumas vezes só para se tentar destruir seu universo opaco. Surgem assim encenações de dois tipos: as que o aceitam, e estas são as melhores, e as que tentam negá-lo e estas são quase que invariavelmente derrotadas. E o caso paulista do grupo "Companhia Dramática Piedade-Terror E Anarquia".

O diretor Antonio do Valle conseguiu façanha rara: provou que sabe fazer um espetáculo coerente, com linguagem própria, em que se nota o toque do encenador, o que é demonstração de vocação teatral. Por outro lado, incorreu em enorme equívoco ao tentar domar Samuel Beckett, reduzindo-o às dimensões do teatro infantil-juvenil. Tentou e perdeu.

Uma montagem de "Fim de Jogo" está armada de modo a extrair do texto o conteúdo supostamente inocente ou cruelmente inocente. O único personagem nos limites imaginados pelo autor é Hamm. Os demais parecem criaturinhas de teatro infantil (ainda que bem representadas, como é o caso de Clov e Nagg, o pai, interpretados com riqueza de gestos e expressões por Hugo Della Santa e Antonio Alberto). O espetáculo não "mostra" o vazio e a monotonia triste do enredo. Ele é que se "forma" lento, monótono e sem sentido. As palavras soam sem clareza e sem impacto. E penso ver o evidente esforço criativo de uma equipe empenhada (espaço cênico, figurinos, máscaras, iluminação, música, expressões) resultar em erro de apreciação e enfoque do autor e da obra.

Ninguém é inocente em teatro: mas irreverência e audácias precisam de substância. No Brasil já se fez "Mergulho Domado", de Shakespeare, com o elenco tomando Coca-Cola; ou "Gallieau Gallieau", de Brecht, com "Banho de Lua", de Cely Campelo, na cena final.

Não se trata, portanto, de sacrificar um nome ilustre das artes, mas — exclusivamente de não ignorar o próprio Samuel Barclay Beckett que observou o seguinte sob "Fim de Jogo": "Eu escrevi alguma coisa ainda pior, talvez difícil e elíptica, contendo sobretudo com a força do texto, mais inumano que Godot".

O programa do espetáculo é um folheto simples e gratuito como deveriam ser os documentos informativos sobre os espetáculos. Pena que o diretor tenha incorrido na tentação dos termos técnicos e supérfluos que o público não é obrigado a conhecer. Lê-se por exemplo que a escolha do texto "faz parte de um processo que nasceu de uma pesquisa estética sobre o gesto realista-naturalista de interpretação, e se gesto que flui simplesmente de um envolvimento emocional". Difícil e ainda por cima não revela o essencial: para que tais tentativas e experiências? Beckett, na sua impenetrabilidade, é (ironia das ironias) muito mais simples.

O programa do espetáculo é um folheto simples e gratuito como deveriam ser os documentos informativos sobre os espetáculos. Pena que o diretor tenha incorrido na tentação dos termos técnicos e supérfluos que o público não é obrigado a conhecer. Lê-se por exemplo que a escolha do texto "faz parte de um processo que nasceu de uma pesquisa estética sobre o gesto realista-naturalista de interpretação, e se gesto que flui simplesmente de um envolvimento emocional". Difícil e ainda por cima não revela o essencial: para que tais tentativas e experiências? Beckett, na sua impenetrabilidade, é (ironia das ironias) muito mais simples.

Na passeata serão lançados "Cultura, meu bem, cutuca", livro de Marise Pacheco, 10.000 Poemas do Poste (poesia editada em cartazes que são afixados nos postes), 15.000 Bilhetes Poéticos de Touché (poemas em cartazes), "Frevo da Alegria", música de Alvaro Cardoso e o disco independente "Mistérios da Amazônia", de Carioca. Grupos de poetas do Rio de Janeiro e de Brasília já confirmaram suas presenças: "Gândia", "Poetagem" e "Lira do Pau Brasília" são alguns deles.

No show da Biblioteca Mário de Andrade, o Sanguinovo pretende usar vários recursos (audiovisual, teatro de bonecos, música e expressão corporal) para expressar sua poesia. Cada um dos seis integrantes (Carlos Tacacoca não se apresentará) terá de quinze a vinte minutos para interpretar seus poemas. "Poesia na Vela" fica em cartaz até o dia 19 de setembro. As apresentações são às 20h30 e os ingressos custam Cr\$ 30,00.